



O Grande Diálogo: URSS — USA



A 15 de setembro chegará aos Estados Unidos o Presidente do Conselho de Ministros da URSS, Kruschiov.

Este fato mostra o quanto se modificou a situação internacional nos últimos tempos, sobretudo no decorrer deste ano. Porque ainda em janeiro de 59 não se cogitava sequer a visita do Primeiro-Ministro soviético à América e muito menos da viagem — já programada agora — do Presidente dos Estados Unidos a Moscou.

Trata-se de um acontecimento da máxima importância para o de-

sanuamento da situação internacional, uma grande vitória da causa da paz.

Para avaliar-se a significação deste fato é suficiente lembrar que, ainda há alguns meses, tanto o Departamento de Estado de Washington como o próprio Eisenhower consideravam desnecessária e inútil a permuta de visitas dos chefes de Estado da URSS e dos EE.UU.

Era a linha política rigidamente traçada por Dulles. Considerava-se que qualquer aproximação entre as duas grandes potências criaria «ilusões» de paz entre os

povos. Porque, de fato, tudo o que contribuísse para o alívio da tensão internacional viria minar as posições da política da guerra fria, a política das «posições de forças».

Significará a visita que iniciará Kruschiov na próxima semana aos Estados Unidos — pelo espaço de 12 dias — e a retribuição posterior desta visita, com a ida de Eisenhower à União Soviética, que assim desaparecerá o perigo de guerra, que todos os problemas internacionais pendentes serão automaticamente resolvidos? De forma alguma. Mas

também sem conversações, sem contatos, sem um melhor conhecimento mútuo de ambas as partes, não se criarão sequer condições para solucionar questões de que depende hoje a existência da humanidade — e não só dos Estados Unidos e da URSS.

Aliás, a visita de Kruschiov, iniciando uma nova etapa nas tentativas de entendimentos entre as duas maiores potências mundiais, é também, já o fruto de uma nova situação que se criou na correlação de forças entre os dois campos em que se divide o mundo — o capitalista

e o socialista, correlação favorável ao socialismo. E' resultante de: impossibilidade de impor

soluções pela força das armas, pela guerra. E', portanto, uma vitória da causa da paz.

A FACE DESCONHECIDA

Inútilmente, a propaganda dos círculos reacionários (dos Estados Unidos e outros países) procurou diminuir a importância da visita de Kruschiov à América.

Esta se impôs, tanto pela importância do papel hoje desempenhado pela União Soviética no mundo, como pelo fato de estar comprovando o povo norte-americano que durante anos e anos uma propaganda tendenciosa e falsa lhe apresentou apenas uma caricatura do primeiro país socialista.

Os feitos científicos da URSS — particularmente os seus primeiros satélites, os foguetes intercontinentais — e finalmente a grandiosa Exposição soviética de Nova Iorque mostraram patentemente a outra face da URSS: a face desconhecida, não revelada jamais pelas agências telegráficas do mundo ocidental, pela grande imprensa da burguesia. Um país que domina a última palavra da técnica, que compete vantajosamente com a maior potência capitalista, e que, tendo perdido embora milhões de seus filhos numa guerra recente e uma boa parte das riquezas acumuladas com sacrifícios durante mais de 20 anos, oferece a seus habitantes um nível de vida cada vez melhor, propondo-se ultrapassar dentro em pouco, também neste terreno, o país capitalista, onde o povo desfruta de maior conforto.

Dal o natural interesse — e mais do que isto, entusiasmo — revelado no mundo e nos Estados Unidos pela visita de Kruschiov.

Neste sentido, citamos a seguir alguns dados exemplificativos.

1 A imprensa dos Estados Unidos informa que mais de

300 cidades — grandes e pequenas — dirigiram cartas ao Departamento de Estado pedindo para incluí-las no itinerário a ser seguido por Kruschiov em sua excursão pelo país.

2 Em vista do enorme interesse existente entre o público, a imprensa americana rivaliza para conseguir a «completa cobertura» da visita do Primeiro-Ministro soviético. Em fins de agosto, 471 jornalistas já ha-

viam solicitado oficialmente a inclusão de seus nomes para acompanhar Kruschiov através da América. O grande problema que enfrentava o Departamento de Estado: conseguir lugar para toda essa gente no avião. Um jornal informou que alguns correspondentes haviam sugerido que lhes arranjasse um lugar «nas asas» do aparelho...

Trinta e seis membros da Câmara de Representantes (Câmara Federal) pelo Partido Democrata (partido que está fora do governo) publicaram uma declaração apoiando os próximos encontros de Kruschiov e Eisenhower. Des- (Conclui na 2ª página)

Posições Definidas

URSS

USA

O PROBLEMA ALEMÃO

É este um dos mais sérios problemas deixados pela segunda guerra mundial. Transcorridos mais de 13 anos do fim do conflito, ainda não foi assinado um Tratado de Paz com a Alemanha. O país continua dividido entre as potências vencedoras. A URSS é favorável à imediata assinatura do Tratado de Paz com a Alemanha, à retirada de todas as tropas estrangeiras de seu território e, antes de tudo, à transformação de Berlim em Cidade Livre, até que o próprio povo alemão decida sobre a reunificação do país.

Estados Unidos, Inglaterra e França rejeitaram até agora todas as propostas do governo da URSS e da República Democrática Alemã para a assinatura de um Tratado de Paz, a evacuação das tropas estrangeiras, a liquidação das bases militares em território alemão. Nos últimos tempos, as forças armadas da Alemanha Ocidental estão sendo aparelhadas com armamentos atômicos, o que aumenta o perigo de uma nova guerra de agressão por parte da Alemanha. Os contactos Eisenhower-Krushiov podem favorecer a solução deste problema.

ARMAS ATÔMICAS

A União Soviética é favorável a proibição terminante e definitiva de todas as armas atômicas e termo-nucleares. Neste sentido apresentou várias propostas diretas aos Estados Unidos e Inglaterra e projetos de resolução na ONU. Como primeira etapa, a URSS propõe a cessação das experiências com essas armas, pois, como se sabe, elas contaminam a atmosfera da Terra, pondo em grave perigo a vida humana.

Os Estados Unidos (bem como a Inglaterra) rejeitaram sempre as propostas soviéticas para interdição dos armamentos atômicos e sua eliminação do equipamento das forças armadas de todos os países. Somente nos últimos meses, na Conferência de Peritos atômicos em Genebra (cuja primeira sessão se iniciou a 1.ª de julho de 1958) os EE.UU. mostraram concordância com algumas teses da URSS, chegando-se a acordos parciais.

BASES MILITARES

A União Soviética liquidou com todas as bases militares que possuía durante a guerra em alguns países, inclusive no Irã e na Finlândia. Propostas sucessivas tem apresentado diretamente aos EE.UU. e através da ONU para que as bases militares em território estrangeiro sejam eliminadas, pois elas são um fator de agravamento da tensão internacional e põem em perigo os próprios países onde estão instaladas.

Os Estados Unidos mantêm uma vasta rede de bases militares em torno da URSS e das demais potências socialistas. Essas bases se encontram nas ilhas britânicas, Alemanha Ocidental, Oriente Próximo e Médio, até o Pacífico — Japão e ilha (chinesa) de Formosa (Taiwan). Os EE.UU. consideram que essas bases, a milhares de milhas de seus territórios, servem para sua defesa... E' como se a URSS tivesse bases no México, por exemplo.

CHINA

A União Soviética foi o primeiro país a reconhecer a República Popular da China, logo após a vitória da Revolução chinesa a 1.ª de outubro de 1949. A URSS considera que os 650 milhões de chineses é que devem estar representados na ONU, e não a camarilha corrupta de Chiang-Kai-Chek, que nada representa. A China, que se transforma numa poderosa potência mundial, deve ser levada em conta para a solução dos problemas internacionais pendentes, particularmente na Ásia.

Os Estados Unidos (como outros países capitalistas, Brasil inclusive) se recusam obstinadamente a reconhecer a existência da República Popular da China, embora sua crescente influência internacional. Os Estados Unidos mantêm relações diplomáticas com o bando de Chiang Kai-Chek refugiado em Formosa. O governo americano impediu até agora a admissão da China na ONU, onde continua a ter assento o representante de Chiang-Kai-cek, que não fala em nome do povo chinês.

PAÍSES COLONIAIS E DEPENDENTES

A União Soviética segue uma política orientada para a completa independência política e econômica de todos os países. Segue uma firme política de apoio às aspirações e às lutas de todos os povos por sua emancipação. Mantém hoje a URSS relações amistosas com todos os povos que se libertaram depois da segunda guerra mundial na Ásia e África, e lhes concede empréstimos e ajuda material para sua industrialização, estreitando com eles relações comerciais.

Os EE.UU. têm procurado substituir as decadentes potências coloniais e imperialistas em seus domínios. Os trustes americanos estão se apossando da petróleo do Saara. Os EE.UU. negaram recursos ao Egito para construir a represa de Assuã. (A URSS está construindo aquela represa). A política dos monopólios lanques é obstar por todos os meios a industrialização dos países coloniais e dependentes, pois o progresso econômico consolida a independência política, contrária aos interesses da alta finança internacional.

CRÔNICA INTERNACIONAL

NÓS E OS E.U.A.

Há dois anos já, um chefe do Serviço de Inteligência Naval dos Estados Unidos, Thomas Palmer Jr. (que foi dirigente de uma Missão Econômica Especial dos Estados Unidos no Brasil), afirmava: «Se adviesse um prolongado relaxamento da tensão entre os lados opostos na guerra fria, os latino-americanos poderiam tornar-se cada vez mais indiferentes em relação aos Estados Unidos e seu nacionalismo assumiria uma crescente tendência antilhanques Search for a Latin American Police — 1957».

Estamos diante da mais séria possibilidade surgida desde o fim da guerra de uma mudança radical na situação internacional em favor da coexistência pacífica. E tudo indica que os Estados Unidos, ou melhor, os imperialistas americanos, se sentem bastante inquietos ante os possíveis reflexos dessa mudança em nossos países.

Diferentes fatos indicam claramente esse temor. A pressão do Departamento de Estado sobre Cuba é aberta e sem disfarces. Realiza-se através de protestos como o que foi feito oficialmente contra a reforma agrária de Fidel Castro, através de ameaças de boicote nas compras de açúcar cubano ou com o reforço de suas tropas na base de Guantanamo. A Conferência de Chanceleres, realizada há pouco em Santiago, foi uma tentativa de pressão coletiva sobre Cuba (no que fracassou a diplomacia americana) e de impedir que o exemplo da revolução cubana se propagasse pelo Continente.

No Brasil, vimos entrevistas em série do embaixador norte-americano Moors Cabot, no Rio, em São Paulo, na Bahia, fazendo o panegírico do capital estrangeiro e lançando inadmissíveis assacabilhas às correntes políticas que se batem pelo desenvolvimento do país e por sua completa emancipação.

Finalmente, o senador americano Smathers vem esta semana atacando rudemente os «comunistas» (todos aqueles que lutam contra o imperialismo) na América Latina, e afirma textualmente: «Deveríamos dar mais atenção à América Latina...»

São indícios claros de que os Estados Unidos tentarão por todos os meios amortecer o choque das prováveis transformações da situação internacional em nossos países. O clima da guerra fria era o clima ideal para a ação espoliadora dos monopólios lanques nas Américas Central e do Sul. O fim da guerra fria, que parece próximo, poderá significar um alívio também no domínio ainda exercido pelo capital estrangeiro sobre os nossos povos. Poderá representar maior liberdade de movimentos nas relações internacionais dos nossos países e, portanto, maior liberdade para a procura de vantagens nas transações comerciais ou no investimento de capitais.

E' isto o que os imperialistas americanos não querem admitir de forma alguma. Dal o afã com que agem seus diplomatas, a fim de preservar os privilégios dos trustes de Wall Street. Eles estão convencidos daquela constatação de Thomas Palmer Jr., que citamos inicialmente, de que um relaxamento da tensão internacional determinaria uma crescente tendência antilhanque.

Dal, também, o grave perigo — que reclama vigilância e luta das forças democráticas — ante a crescente pressão norte-americana sobre os governos da América Latina: em política externa para manter o «statu-quo» de dependência aos EE.UU. e em política interna para exacerbar as forças reacionárias e, sob a máscara do anticomunismo, atacar as precárias liberdades democráticas de que desfrutamos.

NOVOS RUMOS

Directo — Mário Aires
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Somfim Jr.
Secretário — Fraquosa Borges
REDACTORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Motta Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.
MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, S/1712 — Tel: 43-7244
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, S/905
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»
ASSINATURAS
ANUAL ... Cr\$ 250,00
Semestral ... " 130,00
Trimestral ... " 70,00
Aérea ou sob registro, despesa à parte
N. avulso .. Cr\$ 5,00
N.º atrasado .. " 8,00..

RUI FACO